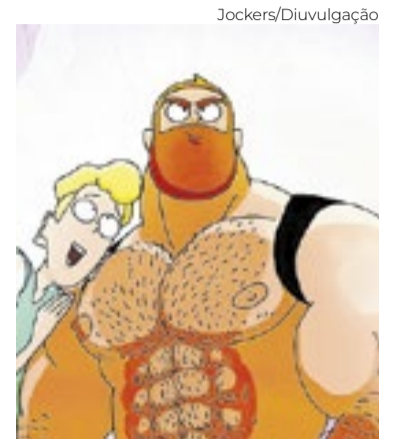


# Palmas que a Palma de Ouro não vê

Jockers/Divulgação  
Jim Queen

Sophie Okonedo/Divulgação

Clarissa



Pérolas autorais vindas dos mais variados cantos do

mundo rivalizaram com a disputa oficial de Cannes na busca por consagração de vozes autorais

**RODRIGO FONSECA** Especial para o Correio da Manhã

**V**ai ser difícil algum filme deste Festival de Cannes calar mais fundo no peito da cinefilia do que “Natal Amargo”, o novo exercício de Pedro Almodóvar pelas vias do melodrama... mas é fácil apontar os filmes que (mais e melhor) vão se esforçar para brilhar tal qual a expressão autoral do artesão manchego. Na disputa pela Palma de Ouro, pérolas a granel se candidatam à Eternidade, como “El Más Querido”, de Rodrigo Sorogoyen, e “Hope”, de Na Hong-jin. A lista a seguir é a triagem que o CORREIO DA MANHÃ produziu após garimpar jazidas paralelas à competição oficial.

**CLARISSA, de Arie e Chuko Esiri (Nigéria):** Sophie Okonedo tem a atuação de uma vida nesta versão de “Sra. Dalloway”, de Virginia Woolf, no Laos. Okonedo vive Clarissa, mulher da alta sociedade, que organiza uma recepção em sua casa, no fer-

vo da vida cultural nigeriana, onde reencontra amigos de juventude. Ao longo daquela noite, suas memórias vêm à tona. Mágoas, também.

**MARIE MADELEINE, de Gessica Génés (Haiti):** A fotografia



Divulgação

Marie Madeleine



William Graves Productions

Once Upon A Time In Harlem

de Nicolas Canniccioni tinge os céus e as ruas de Jacmel de um colorido extravagante ao seguir os passos de uma garota de programa de nome bíblico que se encanta por um evangélico fervoroso e tenta mostrar ao rapaz as bênçãos do desejo.

Géssica dirige e estrela este drama sensual sobre empoderamento.

**ONCE UPON A TIME IN HARLEM, de David e William Greaves (EUA):** Um marco da luta decolonial de essência docu-

mental musical se afirma aqui. O seu coletivo de imagens remonta a uma noite de verão de 1972, quando uma geração marcante de artistas e intelectuais do chamado “Renascimento do Harlem” reuniu-se na casa de Duke Ellington. Por mais de três horas, esse grupo extraordinário — muitos dos quais não se viam há cinquenta anos — lembrou o passado, fez críticas, discutiu, riu e bebeu, enquanto refletia sobre seu lugar num panorama antirracista.

**IN WAVES, de Phuong Mai Nguyen (França):** De CEP francês, mas com um coração vietnamita em seu peito (de sua diretora), esse drama com um pé no mar e outro na morte, abriu as alas da Croisette para a animação. Seu pavimento é uma HQ homônima do surfista e artista gráfico AJ Dungo, lançada no Brasil pela Nemo e baseada em uma perda pessoal dele. Um skatista se apaixona por uma surfista, na alvorada da adolescência de ambos, mas tomam “um caixote” do destino, na forma de um tumor.

**L'ESPÈCE EXPLOSIVE, de Sarah Arnold (França):** Um thriller ecológico muito loco da diretora de “Leçon de Ténèbres”. No nordeste francês, agricultores e caçadores estão em guerra. Os javalis, grandes e numerosos demais, devastam as plantações. Brun, um produtor de cereais à beira do abismo, não aguenta mais e desaparece. Um ano depois, Fulda, um policial explosivo (papel de Alexis Manenti), e Stéphane (Ella Rumpf), uma psicóloga em crise, investigam o caso. O que descobrem vai além da compreensão deles. O que surge entre eles não era esperado também.

**SIEMPRE SOY TU ANIMAL MATERNO, de Valentina Maurer (Costa Rica):** Uma celebração da fraternidade na América Hispânica. A inspirada Daniela Marín Navarro vive Elsa, de 28 anos, que passou um longo tempo na Bélgica, retorna para seu país, a fim de se reencontrar com sua irmã mais nova, Amalia, envolvida numa rota esotérica.